UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
CURSO DE LICENCIATURA EAD EM LETRAS-INGLÊS

A FEMININILIDADE DE KITTY FANE NA OBRA O VÉU PINTADO, DE SOMERSET MAUGHAM: LIMITES DA ONISCIÊNCIA DE UM NARRADOR EM TERCEIRA PESSOA SOB O OLHAR PARALELO ENTRE O LIVRO E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE JOHN CURRAN

LÍVIA FREITAS DE SOUZA

RIO DE JANEIRO - RJ
2022

LÍVIA FREITAS DE SOUZA

A FEMINILIDADE DE KITTY FANE NA OBRA O VÉU PINTADO, DE SOMERSET MAUGHAM: LIMITES DA ONISCIÊNCIA DE UM NARRADOR EM TERCEIRA PESSOA SOB O OLHAR PARALELO ENTRE O LIVRO E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE JOHN CURRAN

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciada em Letras-Inglês na Universidade Candido Mendes, sob a orientação dos Prof.s Dr.ª Sandra Venâncio Kezen Buchaul e Me. Douglas Lemos Monteiro dos Santos.

RIO DE JANEIRO - RJ
2022

LÍVIA FREITAS DE SOUZA

A FEMININILIDADE DE KITTY FANE NA OBRA O VÉU PINTADO, DE SOMERSET MAUGHAM: LIMITES DA ONISCIÊNCIA DE UM NARRADOR EM TERCEIRA PESSOA SOB O OLHAR PARALELO ENTRE O LIVRO E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE JOHN CURRAN

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciada em Letras-Inglês na Universidade Candido Mendes, sob a orientação dos Prof.s Dr.ª Sandra Venâncio Kezen Buchaul e Me. Douglas Lemos Monteiro dos Santos.

Aprovada em 09/05/2022.

BANCA EXAMINADORA

Sandra Venancio Kezen Buchaul

Sandra Venâncio Kezen Buchaul - Orientadora
Doutora em Literatura Comparada (UFF)
Universidade Candido Mendes

Douglas Lemos Monteiro dos Santos

Douglas Lemos Monteiro dos Santos - Co-orientador
Mestre em Planejamento Regional e Gestão de Cidades (UCAM)
Universidade Candido Mendes

Antônio José Carneiro Cardoso
Mestre em Linguística (UNICSUL)
Universidade Candido Mendes

RIO DE JANEIRO - RJ
2022

A FEMINILIDADE DE KITTY FANE NA OBRA *O VÉU PINTADO*, DE SOMERSET MAUGHAM: LIMITES DA ONISCIÊNCIA DE UM NARRADOR EM TERCEIRA PESSOA SOB O OLHAR PARALELO ENTRE O LIVRO E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE JOHN CURRAN

Lívia Freitas de Souza[1]

RESUMO: Uma análise psíquica de Kitty Fane e a Literatura Inglesa é realizada mediante um paralelo entre escolhas possíveis e sua gênese, numa perspectiva amoral, no escopo da obra literária de Somerset Maugham e da adaptação cinematográfica de John Curran, *O Despertar de Uma Paixão.* Essa análise tem como objetos as questões que perpassam a construção da feminilidade de Kitty Fane, protagonista de ambas as obras, numa abordagem psíquica e subjetiva, buscando respostas que elucidem os porquês de sua escolha pessoal, assim como os desfechos diferentes oferecidos pelo livro e pelo filme.

Palavras-chave: Feminilidade; Literatura Inglesa; O Véu Pintado; Cinema; Somerset Maugham.

Submetido em 25/04/2022.

Aprovado em 09/05/2022.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise psíquico-literária de Kitty Fane, personagem fictícia de romance da literatura inglesa, traçando um paralelo entre escolhas possíveis e sua gênese, numa perspectiva amoral, no escopo da obra do autor Somerset Maugham e da adaptação cinematográfica do diretor John Curran.

Segundo a perspectiva psicanalítica, todo sujeito passa pelo viés das demandas maternas e paternas na constituição de sua subjetividade (FREUD, 1933/1976). Kitty Fane, personagem feminina cuja história se passa na alta sociedade inglesa do ano de 1925, não seria diferente, e nessa orquestração entre os componentes desse primeiro grupo social que é a família, Mrs. Fane tinha que equacionar, como todo sujeito, as demandas explícitas e ocultas da mãe, do pai, da irmã, dela mesma, seus desejos, suas necessidades psíquicas, suas buscas por

[1] Lívia Freitas de Souza é aluna do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês na Universidade Candido Mendes. Endereço eletrônico: liviafdesouza@gmail.com.

aceitação e pertencimento, e sua construção identitária dentro do grupo social no qual se inseria, pela via do nascimento.

Toda jovem mulher, assim como Kitty Fane, tem questionamentos e muitas vezes carece de autoconhecimento e da construção de uma visão de mundo que a possibilite escolher sua vida, ainda que dentro dos constrangimentos que toda sociedade impõe a seres humanos comuns (ANDRÉ, 1996).

Quase toda mulher menos jovem se pergunta como teria sido sua vida se já tivesse desde o princípio o autoconhecimento que adquiriu por meio dos tropeços existenciais, e tivesse tido sabedoria para fazer escolhas mais adequadas e que a levassem a lugares mais confortáveis e desejáveis.

Mesmo diante do autoritarismo de sua mãe (sendo a mãe uma das instituições mais violadoras de direitos fundamentais da história), Kitty Fane poderia ter agido diferentemente para não se instalar na posição de impotência forjada em que se colocou. Ela poderia ter feito de outra forma, buscando criar condições para produzir recursos subjetivos que a liberassem do vitimismo e fatalismo que envolviam seu discurso e suas atitudes (BROUSSE, 2004).

É importante questionar se Kitty Fane desejava se casar, e se desejava se casar com Walter Fane. É relevante, ainda, refletir sobre a questão de ela o rejeitar em seu discurso, apesar de possivelmente não o fazer em seu foro íntimo, simplesmente porque talvez não pudesse admitir para si mesma que o respeito e o amor que ele endereçava a ela eram vitais para sua existência (FREUD, 1931/1976).

Kitty Fane poderia ter agido de outra forma para assumir as rédeas de sua própria narrativa e ter feito escolhas que não fossem autodestrutivas, e a partir das quais ela não sabotasse a si mesma. Mesmo sendo descendente de uma mãe que provavelmente tenha agido com profundo desamor em face das filhas e do marido, ela poderia ter superado essa fatalidade usando a força do seu desejo, se esse desejo tivesse sido conhecido por ela, tempestivamente (SOLER, 2005).

A atitude de Kitty Fane para com seu marido poderia ter sido diferente e não um mimetismo das atitudes da mãe perante seu pai, se ela tivesse olhado para dentro de si mesma. Se ela tivesse escutado a sua própria voz, a despeito dos princípios maternos incutidos nela desde a infância, teria sabido dar valor ao homem que a amava, em vez de deliberadamente degradá-lo, como que para degradar sua própria identidade.

Todas essas questões perpassam por uma análise psíquica de uma mulher, são atuais e vivas, e podem contribuir para a reflexão, feminina, a respeito da feminilidade e de questões dela indissociáveis cujas conclusões impliquem num caminho que leve a mulher a construir um gozo possível, ao lado de um homem desejante (e por que não desejado?) que seja subjetiva e objetivamente capaz de construir uma vida em comum e satisfatória ao lado de sua escolhida companheira.

Uma reflexão sobre essas questões é o que este trabalho se propõe a fazer no decorrer de suas próximas páginas, tecendo uma teia reveladora de características subjetivas relevantes, no que diz respeito à constituição psíquica da personagem. Busca mostrar às mulheres caminhos existenciais mais satisfatórios, que possam sustentar um gozo possível, ou seja, aquele que não nega a realidade e que não sucumbe, apesar dela (SOLER, 1998).

Outrossim, como relevância acadêmica, este trabalho tem como propósito convidar os professores a uma autoanálise, a qual a pesquisadora acredita ser fundamental para quem se propõe a lecionar. Traz nuances subjetivas e luzes e sombras que fazem parte da natureza humana e mostra que há um leque infinito de interpretações e motivações ocultas e inconscientes, que levam à certeza de uma incompletude e de que sempre haverá algo de que não se sabe (FREUD, 1927/1976).

Nessa tomada de consciência, nessa aquisição desse saber, professores podem estar mais empoderados em suas classes, justamente por se desapegarem de uma pretensão holística de detenção de um saber totalizante, “supremaciante”, já que esse saber com certeza não há. É ilusão.

Trabalhando de forma analítica com seus alunos, a partir de trabalharem a si mesmos, professores podem causar, a partir de seu lugar de fala, reflexões existenciais, pois essa expansão de consciência dele mesmo, professor, pode levar à expansão de consciência de seus alunos por meio de trocas dialéticas, e nessas trocas revelar não a disciplina por ele ensinada, mas sim a urgência de um olhar para dentro, uma expansão interior, fomentada pelo professor, e instrumentalizada pelos alunos, em que todos possam se saber sujeitos e objetos e, sabendo disso, chegar à conclusão de que sujeito e objeto se equivalem (LACAN, 1957/1995).

Esse aprendizado humaniza e pode possibilitar a todos a chance de se apropriar de sua própria vida e de constituir sua voz.

CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS

O amor para Kitty Fane estava muito idealizado. Ela criticava sua mãe ao dizer que a ideia de se casar com o primeiro que aparecesse era obsoleta, mas ao mesmo tempo se mantinha na inércia mantenedora de uma vida que acontecia sem ela: constantes festas preparadas pela mãe para receber a alta sociedade londrina em sua casa. E nada além disso.

Kitty Fane era filha de uma mãe autoritária e de um pai submisso. Era muito bela e, como descrita pelo autor, frívola. Mas essa frivolidade seria, na verdade, uma máscara adequada e bem-vinda pelos valores da casa (SOLER, 1998). Frívola, ela era olhada. Frívola, ela era da família. Frívola, ela era uma deles. Mostrar-se frívola lhe proporcionava uma posição confortável. Até certo momento.

Sem uma perspectiva diferente, ou alternativa à perspectiva da mãe, Kitty Fane (até então Kitty Garstin) se vê encurralada pelo ultimato dessa, que questiona até quando Kitty Fane acredita que seu pai continuará a sustentá-la. Lança o questionamento na presença do pai, da irmã e do noivo da irmã, no meio da sala de estar. A pergunta retórica tem o efeito de um balde de gelo no rosto, nos cabelos, nas roupas, na alma de Kitty Fane.

Ela tinha 25 anos.

E Kitty conhece Walter Fane. Bacteriologista. Para ela, sem graça. Homem que se revela, com o passar da narrativa, extremamente sério, comprometido e estudioso, pede sua mão em casamento naquele ínterim. O pai, na adaptação cinematográfica, é quem o convida para a festa em sua casa, supostamente para que se conhecessem, e o conhecimento desse fato é recebido com surpresa por Kitty Fane. Logo o pai, aquele homem introspectivo, calado, resignado.

O espectador logo pode perceber então que essa escolha da pessoa de Walter vem do pai, e somente dele, sem o crivo da mãe de Kitty Fane. Paralelamente, no livro, é a mãe de Kitty Fane quem convida Walter, mas durante os saraus Kitty Fane nota com nitidez que, pela primeira vez, seu pai parece sentir prazer em conversar com um dos candidatos a marido das filhas. Percebe-se, ali, a aprovação do pai, notada e levada em consideração pela filha.

A jovem se vê então na China, onde Walter Fane estabelecera residência anteriormente ao casamento. Casados, vivem numa casa com criados, onde Kitty recebe toda pompa e circunstância da parte de Walter.

Walter não era um homem deliberadamente sedutor. Não tinha essa pretensão, como se pode concluir. Ele queria uma mulher para amar e não era do tipo que gostasse de fazer sofrer as mulheres. Talvez isso tenha feito com que Kitty não se sentisse atraída pelo marido. Talvez Kitty desejasse se sentir dominada, arrebatada, e, portanto, se sente insatisfeita, ao lado de um homem que não lhe provoca paixão.

Uma noite Kitty Fane conhece um diplomata inglês casado e, esse sim, de personalidade deliberadamente sedutora, faz com que ela, em sua tolice, se apaixone. Ele, de certa forma, se parecia com o pai dela: aparentemente submisso à esposa; mas, diferentemente do pai dela, portava uma atitude para com as amantes que não permitia que elas o vissem dessa maneira, submisso.

Para com elas, comportava-se como sendo o dono da situação e era desse lugar confortável que elas coniventemente consentiam que ele reinasse. Era como se o ego mal desenvolvido dessas amantes lhes pregasse uma peça, uma armadilha, então supõem equivocadamente que estão tripudiando e triunfando sobre a esposa traída. Que tolice!

Walter, aos olhos de Kitty, é um bobo, um fraco, um *second-rate*. Aquele sintoma universal que traz a certeza idiotizante de que “a grama do vizinho é mais verde” faz parte da psiquê de Kitty. Walter, que era dela, não deveria valer nada mesmo. Mas o amante, a quem ela fantasiava que um dia viria a ser dela, mas não era, ah, esse sim, deveria ser o melhor homem do planeta. Amarga ilusão.

Para grande surpresa de Kitty, Walter não era tão bobo quanto parecia figurar no conceito dela. Descobre desde o início a traição e, para puni-la, a leva com ele para um povoado distante onde havia uma epidemia de cólera, que se comparava à pandemia de coronavírus a qual se acercou do mundo em 2020, só que em proporções endêmicas.

Lá, ambos entram num jogo doentio de atitudes auto e retrodestrutivas, em que comem até mesmo vegetais crus, num local onde se alimentar de algo contaminado por água não fervida poderia com alta probabilidade causar a morte pela doença, em até trinta e seis horas.

Mas Walter não era tão desprovido de objetivo quanto Kitty presumia; ele trabalhava incessantemente para cuidar dos doentes e para tentar erradicar os focos da doença, e assim tentar tratar não só dos sintomas, mas sim da sua causa: as águas contaminadas.

Desocupada e se sentindo vazia e inútil, além de sem sentido na vida, Kitty Fane conhece a madre superiora de um convento de freiras europeias que cuidam de crianças nativas órfãs, às quais catequizam. A madre superiora se torna uma figura materna para Kitty e a acolhe com muito respeito, proteção e carinho. Kitty passa a tocar piano para as crianças órfãs. Lá, ela começa a conhecer a percepção que as freiras têm do Doutor Fane: um homem respeitável e honrado, incansável e responsável, digno e confiável, que adora crianças.

Para surpresa de Kitty, mais uma vez, ela enxerga outra faceta desse homem a quem dera tão pouco crédito, praticamente nenhum. Pela pressa em se casar e se livrar da pressão da mãe, tudo fora tão repentino que Kitty nem sequer havia se dado a chance de conhecer Walter.

Ela o julgou sumariamente e decretou que não seria feliz com ele, decidindo aprioristicamente que ele não seria capaz de despertar desejo e paixão em uma mulher. Talvez porque ele não quisesse desejo e paixão, mas sim amor tranquilo. Talvez porque ele sim sentisse isso por ela e não usasse de jogos. Sendo as razões dele um objeto que pode ser trabalhado em outro artigo, ater-se-á aqui às habilidades que ela poderia ter desenvolvido para vivenciar essa história tão peculiar com mais autoridade, e menos autodestruição.

O SUPREMO ENIGMA INTERIOR

Afinal, Kitty Fane sabia que Walter havia agradado à sua mãe, havia agradado ao seu pai, mas, ela alguma vez se perguntou quem era ele para **ela**? Surpreendeu-se quando percebeu que até as freiras tinham um olhar sobre o Doutor Fane, até as freiras tinham sido causadas a olharem para esse homem, e dedicado seu tempo a tecer opiniões consistentes sobre ele. Até as freiras tinham **falado** sobre ele, sobre sua postura e personalidade. O que ele tinha que elas enxergavam e Kitty Fane não? Será que era o propósito dela não o enxergar? Decerto que sim.

Mrs. Fane, logo após se casar e se mudar com seu marido para a China, ou seja, ainda recém-casada, se envolveu com um típico narcisista maligno, ou também chamado narcisista patológico. Sua baixa autoestima se faz revelar quando declara ao amante que não se iludia a ponto de pensar que ele estivesse apaixonado por ela. Enquanto se sentia entediada ao lado do homem médico que a amparava e respeitava, se entregava sem reservas a um outro, perverso. Por quê?

Porque Mrs. Fane apresentava dificuldades para se implicar. Implicar-se, num sentido psicanalítico, significa poder sustentar algo para si mesmo mediante relações de alteridade a partir das quais pode acontecer o “querer e ter”. Significa assumir o que quer, isto é, ser responsável pela tomada de conhecimento da existência de seu desejo íntimo, e pela sua manifestação e sustentação no mundo exterior. É poder retirar esse desejo íntimo do plano do recalque (no qual o sujeito o reprime a ponto de não possuir o conhecimento da sua existência) e manifestá-lo (FREUD, 1915/1976).

Esse recalque se dá por diversos motivos, entre eles a dor que causa ao sujeito a tomada de consciência da existência do desejo. Desejo significa um “menos”. Desejar um homem implica em sair do lugar de Elektra, em que a filha vê o pai como objeto que encobre o menos de gozo que existe em seu *eu.* Esse deslocamento implica em dor, num momento inicial, infantil da sexualidade. E Mrs. Fane parecia estar num estágio bastante infantil da sua própria (FREUD, 1932/1976).

Num estágio infantil, muitas vezes se deixa de fazer o que se quer apenas para que o outro não saiba que era aquilo que o sujeito, em seu íntimo, queria fazer. Essa inibição inviabiliza a satisfação do desejo. Inviabiliza a possibilidade de ter algo que se quer intimamente e verdadeiramente, cuja apropriação produz no sujeito o sentimento e o significado de valor.

Esse desenvolvimento incompleto da sexualidade em Mrs. Fane causava a sua tentativa contumaz de se manter em castração, justamente por não poder assumir que existia uma. Para que seja possível realizar esforços subjetivos num sentido de remediar a castração, faz-se primeiro necessário admitir para si mesma que essa castração existe.

Por isso, por ainda não ser capaz de admitir, Mrs. Fane só podia, naquele estágio infantil em que se encontrava, querer e não ter. Ou ter e não querer. E por isso o discurso latente de: “casei-me porque mamãe mandou-me casar”. Ao amante,

ela queria e não tinha. Ao marido, ela tinha e não queria. Em ambos os casos, castrada. Em ambos os casos, insatisfeita (SOLER, 1998).

Ao ter e querer (ou querer e ter) um mesmo objeto de amor (e não se dividir entre dois), num momento de lucidez e busca em direção ao atingimento de uma maturidade da sua sexualidade, Mrs. Fane poderia ser capaz de olhar para seu marido e experienciar um preenchimento desse menos de gozo que há em todos os seres humanos. Esse preenchimento, ou sensação de preenchimento, poderia se dar através da relação marital e amorosa com Walter Fane, e não da relação libidinosa e adúltera como a que tinha com seu amante incapaz de amar uma única mulher, e talvez até mesmo incapaz de amar (FREUD, 1905/1976).

Faz-se relevante elucidar o significado da palavra **libidinosa** nesse contexto. Relação amorosa seria aquela em que as pessoas envolvidas se implicam, como já explanado acima. A pessoa reconhece a existência de uma falta em si mesma, de um menos de gozo, e busca a satisfação dessa falta através de uma escolha amorosa, numa relação em que se admite um querer, onde há a assunção de um querer endereçado ao outro. É um outro qualquer, mas não é qualquer outro. Ele tem nome, rosto e identidade.

Numa relação libidinosa, não há essa troca amorosa. Não há um dar e receber assumido, consciente, endereçado a um outro com nome próprio. Uma das partes está em posição de submissão e a outra se coloca em posição de dominação. Essa última extrai prazer a partir da subjugação incondicional da outra parte. Mas atua como se nenhuma vantagem auferisse a partir dessa interação. Algo semelhante a uma sonegação.

Importante remarcar que a protagonista, apesar de toda a sua resistência em se implicar como mulher de Walter, carrega o sobrenome do marido, Fane, e não o sobrenome do pai. Isso significa algo, psicanaliticamente. Apesar de todas as atribulações por que passou em seu casamento, em teoria, indesejado, ela adquiriu uma nova marca em seu nome. Psicanaliticamente, toda pessoa pode e deve conquistar aquilo que herdou de seus pais e torná-lo seu. Isso também se dá no que diz respeito ao que se recebe do cônjuge (FREUD, 1925/1976).

Segundo Freud, carregar o nome do pai, cuja evidência simbólica se manifesta com a presença desse nome na certidão de nascimento, é de suma importância para todo sujeito. A ausência e desconhecimento da figura do pai deixa marcas indeléveis (VANDERMERSCH, 2004).

Esse caminho que a menina faz ao se tornar mulher, saindo de seu lugar de Elektra (em que rivaliza com a mãe pelo olhar desse pai-homem) e encontrando num homem não interditado para ela a possibilidade de preencher esse menos de gozo, é demonstração de amadurecimento, de superação, de aprendizado. A menina abandona os objetos infantis e se torna adulta, porque seus objetos de gozo se tornam outros. O olhar da menina se desloca do pai para um outro espécime masculino através de quem ela possa construir um gozo possível.

Ao lado de um narcisista patológico, a obtenção desse gozo é, desde a partida, inviabilizada. E a menina pode ficar circunscrita ao amor do pai, porque não passa a conhecer o amor de um homem. E, apesar de todos os percalços com que ela se deparou em sua curta trajetória de mulher casada, Mrs. Fane é Mrs. ***Fane.*** Algo ela conquistou em seu caminhar. É evidente.

UM CONVITE AO TRIUNFO

Então por que o livro, após mostrar o surgimento da possibilidade de um amor real entre o casal em meio à epidemia mortal, cria o desfecho mais infeliz possível para o advento da feminilidade de Mrs. Fane? Segundo Lacan, discípulo de Freud que conseguiu concluir os estudos iniciados por ele sobre a psiquê feminina (Freud morreu tendo chegado à conclusão apenas sobre a masculina), a mulher é mulher, quando é mulher de um homem. Leia-se esse “um” como numeral, e não como artigo indefinido.

Sendo assim, ela se desloca de um lugar primordial (que vem dos primórdios) e infantil em que quer para si o lugar da mãe no pai, e passa a ter seu próprio e original, criado por ela, ao lado de um homem. E para que isso se dê, é preciso que ambos, homem e mulher, se impliquem, na acepção da palavra já explicada anteriormente. É preciso que a relação seja amorosa, e não libidinosa.

Desse jeito, ela se apropria do nome do pai, reinscrevendo esse nome em seu desejo, ou seja, ela concebe a diferença entre amor filial e amor feminal, sendo que um não substitui o outro, nem derroga o outro; são de espécies diferentes e podem e devem coexistir: um tipo de amor é endereçado ao pai, e o outro é endereçado ao marido. E também desse modo, nesse caminhar, ela se apropria do

nome do marido, recebendo seu manto de família, seu patronímico. Aquilo que lhe fora dado passa a ser dela de maneira psíquica porque ela diz: "é meu". Isso é desejo (LACAN, 1966/1998).

Cada nome próprio e comum pode ocupar um lugar diferente no desejo de um sujeito e, por isso, damos os nomes. Pai, filha, mulher, mãe, marido, homem. Kitty, Walter, Charles, Dorothy. Saudável é uma sociedade onde há lugar para todos, onde todos podem colocar a cabeça no pano (FREUD, 1924/1976).

A questão é que, no livro, após tanto chão pisado em curto tempo, e tanta oportunidade de amadurecimento psíquico, Mrs. Fane, após perder o marido para o cólera, sucumbe novamente em face aos encantos do amante *handicapé.* Um homem que carrega, na análise da pesquisadora, entre os tantos sintomas de sua provável patologia, a síndrome de Peter Pan, devido à sua escolha de não crescer e de não abandonar seu lugar de Édipo (equivalente nos meninos ao complexo de Elektra nas meninas) e, por força disso, não ser capaz de amar uma mulher, de desejá-la, no sentido de praticar atos de implicação que tornem patente a existência de um desejo íntimo reconhecido; sem a manifestação desse desejo, sem a assunção e reconhecimento de sua existência dentro de si, um homem é apenas um menino (FREUD, 1924/1976).

E meninos não sustentam o circuito necessário, numa relação a dois, para que uma mulher se torne **sua** mulher. Aquilo que não se pode desejar, não se pode ter de maneira constitutiva. Apenas, quando muito, pode se passar a ter nominalmente, a partir de uma sentença declaratória escrita em um papel. É como diz a velha expressão: “são casados apenas no papel.”

Meninos que não se deslocam de seu complexo de Édipo são incapazes de ver uma mulher como mulher. Se passam a ter uma esposa, essa ocupa o lugar de mãe. Há um equívoco no desejo deles, por força de algo que se desenvolveu precariamente, incompletamente. Por isso, a submissão deles diante das esposas, que não ocupam o lugar de mulher.

E por que um desfecho assim, que coloca a personagem em uma posição tão masoquista e subjugada, sem desenvolvimento pleno de sua feminilidade? Um narrador homem em terceira pessoa poderia efetivamente compreender a complexidade psíquica de Mrs. Fane? Poderia se colocar em seu lugar e projetar seus próximos passos? Será que ela não teria aprendido a amar e se deixar amar depois de tudo o que vivenciou?

Em última análise, a única saída é o amor. Se o ser humano não ama, adoece (FREUD, 1927/1976). A dor de deixar os objetos infantis é grande, a dor de crescer é grande, mas a dor de não amar é maior, então o sujeito faz essa escolha para salvar a si mesmo. Ainda é por egoísmo, ainda é porque precisa priorizar a si mesmo, mas, numa situação extrema, percebe que, sem amar, ele se condena a uma existência em que viverá na miséria afetiva (com exceção dos psicopatas, que não possuem essa necessidade psíquica de amar).

No livro, Kitty Fane, após se degradar a ponto de mais uma vez se render incondicionalmente ao *gaslighting* de um sujeito manipulador e perverso (seu ex-amante), retorna ao pai, grávida e sem saber de quem havia engravidado. A mãe falece e ela se oferece para viver ao lado do genitor, que finalmente recebe a promoção tão sonhada pela esposa enquanto vivera, e da qual esta nunca pôde usufruir.

Como também pontua Fernandez (2020, p. 111):

> [...] o texto de Maugham é um texto duro, que mostra ao leitor a crua humanidade das personagens nas suas múltiplas facetas. **Exemplo disso** é o reencontro de Kitty e Charlie Townsend, já depois da morte de Walter, em que ela cede uma vez mais aos avanços do antigo amante [...] (grifo nosso)

Outro exemplo disso, no livro, é o aparente triunfo para um ego intempestivamente infantil, em que a filha tem a última palavra em rivalidade com a mãe. Kitty Fane realmente passa a poder ocupar o lugar da genitora, usufruindo da posição social à que o pai foi elevado ao final de sua carreira. A posição de Elektra de Kitty Fane sai do campo do imaginário e passa a existir no campo do real. Tudo aquilo com que a mãe sempre sonhou: *status*, prestígio, posição social, dos quais não pôde usufruir em seu ápice, enquanto sempre almejou ascender mais, e para isso oferecia tantas recepções e jantares, de tudo aquilo, é Kitty Fane quem passará a usufruir.

Ao fim, a filha que ela obrigara a casar para se livrar, talvez, de um peso, foi quem passou a ocupar esse lugar cobiçado, ao lado do homenzinho submisso que ela tanto fez de marionete enquanto fora viva.

Conforme também observa Fernandez (2020, p. 114):

> O “caminho” de Kitty, desde a rapariga fútil que se casa para fugir ao desdém materno até a viúva que se sente livre para cuidar do filho que

> espera e do pai a quem nunca deu muita atenção, é um caminho de procura de personalidade. Apesar de lamentar profundamente a morte do marido, Kitty, no texto de Maugham, sente-se agora uma mulher na demanda do seu próprio percurso. (aspas do autor)

Trata-se de um fim medíocre, na acepção amoral da palavra. Kitty Fane não reflete da maneira que a psicanálise a levaria a refletir, e entende que será uma mãe diferente para o bebê que carrega em seu ventre apenas porque criou em seu psiquismo uma aversão à instituição do casamento. Será uma mãe diferente apenas como uma reação ao que a mãe fez a ela. Uma vítima.

Num desabafo a seu pai, diz que nunca criará uma filha com o propósito de encontrar-lhe um homem que queira casar-se com ela somente porque quer ter relações sexuais com ela e, por querer isso, aceita assumir o ônus de sustentá-la por toda a vida.

Mas por que seria esse o único motivo para um homem querer se casar com uma mulher? Por que encarar a feminilidade como se houvesse a necessidade de uma escolha dicotômica entre a emancipação e a submissão? Entre a erotização e a admiração? Quando duas pessoas se implicam e passam a ser capazes de viver uma relação amorosa, o que se desenvolve é um submetimento recíproco e consentido, e não uma submissão.

A feminilidade é um enigma, e não se trata de emancipação financeira. Mulheres podem ter seu nome próprio, sua própria voz, e não serem provedoras financeiras de si mesmas.

A função de mãe é uma, a de mulher é outra e a de esposa, outra. Ser esposa implica numa função social, num papel de responsabilidade, de cuidado, de solidariedade conjugal, de deveres perante terceiros em face do casal, de fungibilidade de assinaturas e soma de consentimentos juridicamente válidos.

Ser mulher implica em estar para um homem na posição de objeto de desejo. O desejo insiste. O instinto não existe. Seres humanos apenas falam. O falo tem a ver com a fala (LACAN, 1966/1998). Poder transitar entre essas diferentes posições (de filha, mãe, irmã, mulher, esposa) é uma habilidade que pode ser desenvolvida. Ser filha dos pais, mãe dos filhos, esposa e mulher de um homem tem origens em relações de diferentes naturezas e se sustenta em bases distintas.

Para ocupar o lugar de objeto do desejo de um homem é preciso consentir que não tem. Essa é uma posição feminina (FREUD, 1932/1976). Nessa armadilha que Kitty Fane preparou para si mesma, para não enxergar a si própria em seu

desejo, ela se colocou como vítima de uma situação em que preferiu acreditar que não fazia escolhas. Mas escolher se apaixonar por um narcisista patológico faz parte da recusa dela em consentir que não tem. Essa foi sua escolha.

Essa posição serviu de distração, e desviou sua atenção daquilo que se apresentava de maneira possível e real para ela: sua relação com Walter. Nessa relação, ela teria que se haver consigo mesma e com seu desejo, e consentir em ser não somente esposa (isso é fácil), mas sim mulher de Walter. Ser ou não ser mulher, eis a questão.

Kitty Garstin se tornou Kitty Fane, e isto pode se dar de maneira declaratória, meramente nominal, numa sentença registrada e válida perante as leis de um país, tornando-se esposa de Walter Fane, tonando-se futuramente até mãe de seus filhos, sendo boa esposa ou não, boa mãe ou não; mas tudo isso se dá de maneira jurídica e biológica.

Mas para se tornar a mulher dele, é preciso algo para além da biologia e da publicidade que dá validade jurídica. É preciso de algo que não se prova em raio-x, nem se afere de maneira palpável através de um instrumento (GORI, 1998). É preciso desejo, a partir de um sujeito desejante; esse desejo que insiste, e que demanda satisfação.

Esse desejo, endereçado a uma específica mulher infungível, com rosto, nome e sobrenome e que, ao receber esse olhar, esse endereçamento, o recepciona, o acolhe, o nomeia, consentindo que não tem. Assim, ocupando uma posição feminina, a partir da qual consente que não tem, somente assim, pode passar a ter.

Pode-se concluir que não se trata de algo muito corriqueiro. Como diz a madre superiora em uma de suas conversas com Kitty Fane, referindo-se à rara sorte que partilhavam Kitty e seu marido Walter, na adaptação cinematográfica: *"*[...] *when love and duty are one, then grace is within you.*" (O DESPERTAR DE UMA PAIXÃO, 2006): *“*q*uando amor e dever são um, então graça vive dentro de você.”* (tradução nossa).

E, sobre esse paralelo, Fernandez continua (2020, p. 115):

> Na adaptação cinematográfica realizada por John Curran, e que foi lançada em 2006, não nos é mostrada esta faceta de Kitty. A versão cinematográfica usa a liberdade artística do realizador para nos apresentar personagens mais conciliadoras e menos cínicas e brutais. O casal Fane, ao longo do filme, vai amadurecendo a sua relação e mostra-se capaz de superar a

> traição de Kitty. A mudança de carácter de Kitty através da confrontação com a realidade, desde a atitude covarde do amante até à abnegação do marido e da comunidade de freiras perante uma epidemia de cólera, é acompanhada pela constatação por parte de Walter de que esperava mais da mulher do que ela era capaz de conceder.

Na adaptação cinematográfica, dirigida por John Curran e produzida pelo par de atores que interpretaram o casal Fane, Mrs. Fane recebe de Walter Fane uma lição de amor. E por que não? Nem sempre é desejável ser aquele que ensina. Às vezes, ser aquele que aprende pode ser muito mais gratificante. Ambos aprendem a exercitar o perdão nessa releitura. E ambos aprendem a desejar também nessa releitura. Para desejar, é preciso fracasso (LACAN, 1966/1998).

Nas palavras de Fernandez (2020, p. 111):

> No filme de 2006, realizado por John Curran, a evolução da personagem tem um carácter mais conciliador e agradável ao espectador, havendo uma reconciliação entre os esposos desavindos e um perdão no leito de morte de Walter, o marido de Kitty. Como adaptação cinematográfica, o filme dirigido por Curran perde muito do cinismo cruel presente no romance e apresenta-nos uma Kitty redimida, sem hesitações ou falhas no seu percurso.

No livro, como também no filme, percebe-se a postura de Walter como a de um homem que não espera o desejo de Kitty Fane por ele. Ele se conforma em amá-la e respeitá-la e tê-la a seu lado, na qualidade de esposa, e não de mulher. Ele se declara resignado em sua posição de não se sentir desejado por ela. Para ele basta a sua companhia, a sua presença, seus deveres maritais cumpridos de maneira monótona e involuntária por ela.

Talvez fosse isso que deixasse Kitty Fane tão insatisfeita. Como ela mesma declara: *"Se um homem não tem o que é necessário para que uma mulher o ame, a culpa é dele e não dela." (*MAUGHAM*,* 2005, p. 75).

Segundo Lacan, essa dificuldade do homem em receber como contrapartida da mulher o seu desejo também, o seu consentimento legítimo e não como mero cumprimento de um dever conjugal, faz parte da incapacidade de Walter de deixar completar a relação homem-mulher, em que esta não é filha, não é irmã, não é mãe, e está ali para um fim *sui generis.* Muitos confundem respeito com a negação de uma capacidade de a mulher vir a desejá-lo, dando-lhe um lugar de homem e não de pai, filho, irmão.

Para isso, para que ele aceite que ela também deseja, é preciso que haja também a maturidade da sexualidade em Walter, não apenas em Kitty Fane (VIEIRA, 2001). É preciso que Walter seja capaz de sustentar para si também a posição de objeto do desejo de Kitty Fane, e não se recusar mais a reconhecer a possibilidade de que isso exista para ele e parta dela também em direção a ele. E não somente dele em direção a ela.

Na adaptação cinematográfica, posteriormente a um momento em que Kitty Fane diz a irônica frase: "*As if a woman ever loved a man for his virtue*" (O DESPERTAR DE UMA PAIXÃO, 2006): *"Como se alguma vez uma mulher já houvesse amado um homem por causa de suas virtudes*" (tradução nossa), finalmente Walter e ela se permitem esse "querer e ter" lhes acontecer, quando ele deixa cair por terra aquele "respeito" que mais parecia com um pisar em ovos da parte dele para com ela, e pode vê-la não como uma santa, mas como mulher, e então torná-la dele, tomando-lhe para si. "É minha." Sem que haja a necessidade de dizer isso com palavras. Isso, essa apropriação de seu corpo, ele havia feito quando a tomou para si levando-a consigo para o meio da epidemia de cólera. Foi um modo de gritar para o mundo: "É minha!". Mas agora ele estava gritando isso apenas para ela e para **si mesmo**. Sem testemunhas. E é só isso. Só assim já basta. É quando se opera o efeito *inter partes* que se opera o efeito *erga omnes*.

Ser mulher de um homem produz ambos os efeitos.

Walter, também nesse caminhar, parece se tornar capaz de sustentar seu desejo por uma mulher ("uma" na qualidade de numeral, e não de artigo indefinido). Logo, Walter se torna também capaz de manter o circuito necessário ao advento da feminilidade em Kitty Fane. Desde que ela seja capaz de consentir que não tem, e ocupar uma posição feminina. E foi o que ela fez, na adaptação cinematográfica.

O desejo insiste; ele não é vontade, que dá e passa. Ele exige satisfação. Ele é uma escolha, uma escolha inconsciente (trazida para o plano do consciente por um sujeito desejante capaz disso), e reiterada por uma parceira que é um sujeito qualquer, mas não qualquer sujeito. Ele tem um traço, reconhecido pelo desejante, que o torna diferente de qualquer outro sujeito, no olhar do desejante.

Kitty Fane só precisava decidir se queria realmente sustentar essa posição, ao lado de Walter. Para seu bem, no filme, sendo a personagem mais bem elaborada do que no livro, ela decidiu que sim.

A dor é que, no fim, como também no livro, Walter Fane morre, mas Mrs. Fane tem mais uma oportunidade: a de renovar suas atitudes agora como mãe, e dessa vez fazer o seu viver do seu próprio jeito, sem mimetizar a genitora, sem copiar seus erros, mas sim errando com originalidade e acertando, também, com a originalidade da sua própria assinatura.

Ela está agindo, e não reagindo.

Como um triunfo para todas as mulheres que aprendem a desejar e a se deixar desejar, Mrs. Fane dá um sonoro e legítimo: "*Good-bye, Mr. Townsend*" (O DESPERTAR DE UMA PAIXÃO, 2006): *"Adeus, Sr. Townsend"* (tradução nossa) ao ex-amante, e lhe dá as costas, caminhando de cabeça erguida ao lado de seu filho e, como que se libertando da mãe, compra flores numa loja para agradar ao menino, antes de irem visitar o pai de Mrs. Fane, avô da criança. Esse avô que, ao contrário do que imaginava a mãe de Mrs. Fane, não era assim tão desprovido de visão e astúcia, já que fora ele quem escolhera, amorosamente, o marido honrado e digno para a filha, na releitura de John Curran.

Essa filha se reergue, e agora é viúva após ter sido **mulher** de Walter Fane, homem ao lado de quem ela pôde constituir a marca do desejo, aquela que só conhecem os que aprenderam a querer e ter, ou ter e querer, não importa a ordem. Aliás, a essa sequência de verbos elementares às relações amorosas, acrescenta-se um e compõe-se uma tríade funcional: querer, ter e manter.

A criança de quem, assim como no livro, não se tem a certeza de sua paternidade, recebe o nome do homem a quem Mrs. Fane manifesta seu desejo de que seja presenteado com essa dignidade. Mrs. Fane se implica, na forma de mãe, escolhendo para seu filho amado a pessoa de Walter Fane como pai, dando-lhe seu prenome.

As flores, que Mrs. Fane leva consigo, são o símbolo da ruptura de um ciclo de opressão materna que impedia que ela, quando criança, desfrutasse delas, por força de circunstâncias que lhe eram impostas unilateralmente pela genitora biológica.

No filme, ela não volta a morar com o pai, como que para desposá-lo, da maneira que fora narrada no livro. Mrs. Fane não precisa triunfar a despeito da mãe, falecida, que não pôde ver a ascensão do marido ao cargo elevado almejado e vê, de maneira póstuma, a filha vivenciando nesse lugar. Não. Mrs. Fane não vence desse jeito. Isso não seria vencer. Algo que é referido ao outro, que parte dos

valores do outro, nunca será vencer. Mrs. Fane se tornou uma origem. Produziu a mulher em que se tornou. Não copiou. Ela desejou, e amou. E foi desejada, e amada.

O importante é que, agora, na releitura cinematográfica, Mrs. Fane se torna imortalizada na qualidade de genitora psíquica de si mesma, e responsável pela sua própria existência. Essa responsabilidade nada tem a ver com carreira, emancipação profissional ou financeira. Essa responsabilidade significa se assenhorear das próprias escolhas e responsabilizar-se por suas consequências. E às vezes as consequências são boas. Não há garantias.

A palavra existência lembra a palavra inglesa *exit.*

E não é o amor a única saída?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária que serve de palco para a personagem que desperta tamanha atenção traz uma trama sem dúvida interessantíssima. Não seriam possíveis tão aprofundadas reflexões sobre o amor conjugal e as armadilhas de autossabotagem que criam o inconsciente humano sem a ideia genial de Somerset Maugham de abordar tal tema de maneira tão lúdica e desvelada, com tanta ousadia e coragem.

Sem o livro, não se poderia ver nas fabulosas telas do cinema essa preciosidade de história, com esse cenário deslumbrante, essas paisagens inebriantes que se pode ver refletidas nos olhares de espectadores fascinados e hipnotizados pelo sabor de especiarias aromáticas que transborda das imagens e sons e faz a imaginação viajar no tempo e no espaço. Trata-se de uma jornada ímpar de expansão interior, na direção do âmago da alma de cada um que lê e assiste.

Mrs. Kitty Fane, no livro, criatura de Somerset Maugham, cuja essência se desprende de seu criador tal como ocorre com a essência de todo texto, cujo espírito se mescla com aquele de quem lê, escuta, olha e vê, está eternamente dada a ser lida, olhada, vista e ouvida, e por esse gosto e prazer o público é grato ao ato criativo e particular do escritor.

A personagem protagonista feminina, que pode atuar como álter ego no imaginário de cada leitora e espectadora, traz muito alimento para nutrir inúmeras reflexões existenciais acerca da identidade individual, da identidade coletiva, da maternidade, da sexualidade e do que foi o objeto primordial deste artigo, a feminilidade, dentre tantas outras que a mente humana venha a se endereçar a partir da sua leitura.

Ambas as obras se completam, trazem subsídios para que se enriqueça a reflexão e se elabore o pensamento, sempre sem buscar exaurir ou encerrar uma discussão a respeito de qual seja o tema advindo da sua história, que se passa tão distante no tempo e que mesmo assim cola no céu da boca, na garganta, nas vísceras e no pensamento de leitores e espectadores atuais, deste momento.

O que permanece até hoje, desde aquele tempo em que Mrs. Fane foi trazida à luz, é o que faz os seres humanos se tornarem, diariamente, capazes de se diferenciarem tão nitidamente dos demais animais, não humanos:

As escolhas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. **O Que Quer Uma Mulher?** Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ASSOUN, Marie Helène. Uma Dificuldade na Análise das Mulheres: devastação da relação com a mãe. *In:* MILLER, Jacques-Alain (Org.). **Ornicar?** Volume 1: De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015. 203-218.

DESPERTAR de Uma Paixão, O. Direção: John Curran. São Paulo: Swen Filmes, 2006. 1 DVD (124 min.).

EIDELSZTEIN, Alfredo. **A "responsabilidade subjetiva" em psicanálise**. Tradução de Camila Quinteiro Kushnir. [Título original: La "responsabilidad subjetiva" en psicoanalisis. El rey está desnudo: Revista para el psicoanálisis por venir, n. 8, p. 1-15, 2015. Disponível em: https://elreyestadesnudo.com. ar/wp-content/uploads/2015/09/La-responsabilidad-subjetiva. pdf]. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 33, n. 1, p. 41-46, jan./abr. 2021. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i1/36050. Acesso em: 04 maio. 2022.

FERNANDEZ, Sara Vitorino. A Viagem Espiritual de Kitty Fane Em Tempos de Cólera: Estudo sobre o Romance O Véu Pintado, de Somerset Maugham e a sua Adaptação Cinematográfica (John Curran, 2006). Lisboa: **Revista Livre de Cinema**, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 98-122, set. 2020.

Disponível em: http://www.relici.org.br/index.php/relici/article/view/291/337. Acesso em: 05 maio. 2022.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **O Amor na Literatura e na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1905). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 7. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. O Recalque (1905). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)**.** *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. O Problema Econômico do Masoquismo (1924). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 23. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica dos Sexos (1925). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização (1930 [1929]). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina (1931). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. A Feminilidade (1932). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22. Edição Standard brasileira.

FREUD, Sigmund. A Dissecção da Personalidade Psíquica, em Novas Conferências de Introdução à Psicanálise (1933). *In:* SALOMÃO, Jayme (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22. Edição Standard brasileira.

GORI, Roland. **A Prova Pela Fala:** sobre a causalidade em Psicanálise. São Paulo: Escuta, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: a relação de objeto (1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. livro 4.

LACAN, Jacques. Função e Campo da Fala e da Linguagem (1953). *In:* **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 238-325.

LACAN, Jacques. A Significação do Falo (1966). *In:* **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 692-704.

LACAN, Jacques. Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo (1966)**.** *In:* **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 807-843.

MAUGHAM, William Somerset. **O Véu Pintado.** Tradução: Hamilcar de Garcia. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SOLER, Colette. **O que Lacan Dizia das Mulheres.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOLER, Colette. O Não-Todo do Gozo e a Sexualidade Feminina. *In:* **A Psicanálise na Civilização**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 1998.

SOLER, Colette. O Não-Toda. *In:* **A Psicanálise na Civilização.** Rio de Janeiro: Contra-Capa, 1998.

SOLER, Colette. Mascaradas. *In:* **A Psicanálise na Civilização**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 1998.

VIEIRA, Marcus André. **A Ética da Paixão:** Uma Teoria Psicanalítica do Afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VANDERMERSCH, Bernard. O que Seria um Sujeito sem Pai? Há um Sujeito sem Pai? *In:* **Revista Tempo Freudiano,** http://tempofreudiano.iluria.com/pd-13beb6-revista-tempo-freudiano-n-5-a-clinica-psicanalitica.html, n. 5, 2004.